

Carlos Fortes

Como você começou a trabalhar com iluminação?

Vim para São Paulo logo depois de formado, mas ainda no Rio de Janeiro, enquanto era estagiário dos arquitetos Paulo Casé e Luiz Acioli, tive o primeiro contato com o trabalho da Esther Stiller e do Gilberto Franco. Comecei a trabalhar com iluminação em 1988 no extinto escritório deles, em meio período, junto com a Mônica Lobo, e pouco tempo depois já me dedicava integralmente. Depois da mudança da Mônica para o Rio de Janeiro assumi a coordenação dos trabalhos, e, em 1994, passei a integrar a sociedade, quando o escritório passou a se chamar Stiller, Franco & Fortes. Esse período durou até 1997, quando eu e o Gilberto nos desligamos.

Após anos de parceria com Gilberto Franco você começa uma carreira solo. O que espera dessa nova fase profissional?

Vejo essa nova fase como uma continuação natural do meu trabalho. Minha parceria com o Gilberto sempre foi muito produtiva; nossas maneiras de pensar arquitetura e iluminação são muito próximas, e os nossos métodos se completavam. Mas depois de tanto tempo juntos, ambos sentimos a necessidade de nos expressarmos individualmente. Essa nova fase está sendo uma continuidade do trabalho desenvolvido na Franco+Fortes.

Como você vê a nova geração de lighting designers?

Vejo com muito otimismo o trabalho dos novos lighting designers. Quando eu e a Mônica começamos a trabalhar com a Esther e o Gil, o mercado era muito diferente; nossa formação se deu



Com 24 anos de experiência em iluminação, lighting designer inicia nova fase em sua carreira.

Entrevista concedida a Erlei Gobi

basicamente com a experiência prática que tivemos nesse período, e, de certa maneira, demos continuidade à trajetória autodidata desses profissionais pioneiros. O mercado era muito mais fechado, as informações não chegavam com a mesma rapidez de hoje e o hiato entre a indústria brasileira e as indústrias americana e europeia era muito maior. Hoje é diferente, o acesso à informação e aos produtos é muito mais fácil. Também fico feliz quando percebo que muitos profissionais que vêm se destacando hoje começaram conosco e compartilham de nossa visão da arquitetura e do design, como Rafael Leão, Laura Larrúbia, Cláudia Shimabukuro, Leticia Mariotto e Orlando Marques, que iniciaram suas carreiras em nosso escritório.

Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?

Acredito numa formação múltipla. Não tenho nenhuma formação acadêmica

nessa área, o que não significa que eu não valorize essa formação. Penso que uma cultura geral em arquitetura e design, amplo conhecimento técnico de ótica e física e constante atualização tecnológica são fundamentais. Claro que o talento próprio e um olhar apurado e crítico das artes e design de modo geral também são importantes na consolidação do trabalho individual de cada designer.

Você é membro fundador da AsBAI. Qual sua avaliação e envolvimento com a entidade? Considera-a representativa em nível nacional?

Fui fundador da AsBAI com um pequeno grupo de lighting designers e durante muito tempo atuei ativamente na associação, participando inclusive da sua diretoria. Hoje, por opção pessoal, estou afastado das atividades institucionais da AsBAI e das outras associações às quais sou filiado (IALD, PLDA, IES), mas continuo acreditando na importância do fortalecimento da nossa profissão.

Como vai o mercado de iluminação no Brasil, sob o ponto de vista dos produtos aqui fabricados e da oferta de trabalho para os projetistas?

O mercado vai muito bem. A indústria nacional investe em pesquisa e valoriza o trabalho de grandes designers como Fernando Prado e Baba Vacaro, que admiro muito. Em termos de oferta de trabalho, também penso que evoluímos bastante, e é muito improvável que nos dias de hoje um empreendimento arquitetônico de qualidade não conte com a atuação de um lighting designer. Definitivamente estamos bastante aproximados da produção internacional da indústria de iluminação. ◀